

Após 10 anos, modalidade ainda não se consolidou

Falta de financiamento afasta o programa da universidade pública

O mestrado profissionalizante foi reconhecido e normatizado pela Capes em 1998, mas a modalidade ainda não se consolidou, dizem coordenadores de programas e especialistas.

Ainda é baixo o número de cursos: 253, contra 2.441 de mestrado acadêmico. Ele permite que o aluno se aprofunde sem enveredar pela pesquisa científica ou acadêmica, própria do outro tipo de mestrado.

"O MBA forma o profissional em administração, e o MBA executivo se dirige a quem tem mais experiência. O mestrado profissionalizante é a opção de quem quer se aprofundar mais e ser acadêmico em tempo parcial", define Paulo Lemos, 65, superintendente de cursos de educação continuada da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Essas diferenças causam polêmica. "Existir mestrado acadêmico e profissionalizante é um bicho-de-sete-cabeças. Todo mestrado deveria ser profissionalizante", crava Cláudio de Moura Castro, 70, presidente do conselho consultivo da faculdade Pitágoras.

Para Roberto Lobo, 70, ex-reitor da USP e consultor em ensino superior, o mestrado profissionalizante, por ter surgido posteriormente, tornou-se o "primo pobre" das pós.

"A academia inibe atividades típicas dessa modalidade", argumenta. Como a portaria que reconheceu o mestrado profissionalizante determina que os cursos sejam autofinanciados, os programas não recebem recursos de entidades de fomento à pesquisa, portanto alunos não podem receber bolsa.

"Surge conflito quando se trata de universidade pública, que não pode cobrar dos alunos", explica Mário Miyake, coordenador de ensino tecnológico do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo). Por isso quem mais oferece esse programa são centros de pesquisa e instituições privadas.

Qualidade à prova

Critérios da Capes para analisar a qualidade dos cursos também geram queixas entre coordenadores de programas.

"O padrão é exigir o que se pede de um mestrado acadêmico mais os aspectos profissionais", afirma Ronaldo Salvagni, coordenador do mestrado profissionalizante de engenharia automotiva da Poli-USP.

Segundo Salvagni, o conceito três, recebido quando o programa começou (2000), foi mantido ao longo de todas as avaliações, por mais que os conselhos da Capes fossem atendidos.

"Há exigência forte de publicações científicas, mas no contexto profissional é mais complicado. Até porque a inovação tecnológica muitas vezes é sigilosa para as empresas", explica.

O curso não abrirá mais turmas após a USP mudar normas e proibir cobrar taxas. Procurada pela Folha, a Capes não comentou as críticas.

MESTRADO PROFISSIONALIZANTE

O QUE É

Programa semelhante ao mestrado acadêmico, mas cuja abordagem é mais prática; horários das aulas são planejados para não atrapalhar o trabalho do profissional, que é estimulado a continuar no mercado

QUANTO DURA

Não há definição específica, mas a maioria prevê de um a três anos de duração, dependendo da carga semanal

OBJETIVO

É um misto de programa acadêmico e de formação profissional; também confere título de mestre para quem pretende fazer doutorado ou lecionar

PERFIL DO ALUNO

Profissionais que pretendem ganhar mais conhecimento, principalmente prático. Não é indicado para quem quer trabalhar com pesquisa



QUANDO FAZER

Na hora em que o profissional sentir que precisa se aperfeiçoar para atuar em áreas mais específicas — a maior parte dos alunos já trabalha e quer trocar experiências

ADMISSÃO

Os processos seletivos variam, mas geralmente incluem prova (inclusive de língua estrangeira), entrevista e avaliação de currículo. Alguns exigem projeto de pesquisa e orientador; outros aceitam que ambos sejam escolhidos com o tempo

CONCLUSÃO

Pode variar conforme o programa, mas geralmente o aluno desenvolve um projeto e o apresenta a uma banca de examinadores

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 1 fev. 2009, Especial Guia da pós-graduação, p. 3-4, 14-16, 26-34.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins